

Apresentação

Se no âmbito político, e talvez mesmo no metapolítico, as linhas de força de grande parte do imaginário da Europa¹ se basearam, como dizia Hélène Cixous² numa correlação entre os binômios masculino/produção e feminino/reprodução, é certo que, nos processos de escrita – os quais na modernidade são sistematicamente rivalizados por outras formas de composição simbólica como a publicidade e a intrusão das mídias –, essa oposição se manifesta quase sempre numa ambivalência discursiva.

No caso, trata-se de um discurso ambivalente porque, em primeiro lugar, se a literatura moderna, como dizíamos, vê-se confrontada (e por vezes invadida) pelo paradigma da produção incessante e em larga escala de todos os produtos culturais, resultando naquilo que Saint-Beuve chamava de “literatura industrial”, segue-se que toda sorte de escrita feminina, na busca tanto pela emancipação quanto pela autenticidade, tem de afastar-se (ou usa “estrategicamente”) essas novas dinâmicas que buscam absorvê-la na estrutura da *produção*, que é simbolicamente masculina. Em segundo lugar, é ambivalente, porque, como já diziam as professoras Carol J. Singley e Susan Elizabeth Sweeney³ num estudo e recapitulação das estratégias e dispositivos das narrativas femininas desde o século XIX, há, com efeito, um “poder ansioso” nessas representações de experiências particulares de vidas e culturas das mulheres por meio de formas e linguagens que, historicamente, trivializaram ou desprezaram esses conteúdos.

A ambivalência adviria, portanto, de “ansiedades de autoria” próprias das contradições e tensões de mulheres que, num primeiro momento, teciam suas narrativas em ambientes masculinos, e que tinham à sua frente tanto sistemas literários que exigiam, de certa forma, o exercício da masculinidade quanto constelações simbólicas de valores e desejos culturalmente associados ao domínio masculino.

Nas ex-colônias europeias – especialmente no continente africano, onde muitas experiências de independência política foram vivenciadas e nos são narradas ainda pela presente geração –, a situação se torna ainda mais problemática, pois não raro a língua que se adota, com seus códigos e valorações, advém de um colonizador (a célebre agonia de Caliban); ademais, pelas próprias dinâmicas materiais do colonialismo, a terra explorada, violada ou mutilada tem sua analogia imediata no corpo feminino (o

¹ Um imaginário posteriormente levado e de certa forma impingido às dinâmicas internas de suas ex-colônias.

² Hélène Cixous, *O riso da Medusa*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

³ Cf. Carol J. Singley; Susan Elizabeth Sweeney, *Anxious Power: Reading, Writing, and Ambivalence in Narrative by Women*. Nova York: State University of New York Press, 1993.

esquecido sofrimento de Sycorax), muitas vezes apresentado na sua condição de palimpsesto histórico e depósito narrativo entre o pessoal e o coletivo⁴.

À vista disso, na presente obra, os autores e autoras, fugindo a toda simplificação e atuando precisamente nesse território da ambivalência e, portanto, da tensão (que é própria de toda criação artística que parte em busca da articulação de uma individualidade), apresentam-nos a rebeldia de uma consciência concreta – diríamos mesmo “somática” – que se percebe exposta às tensões e pluralidades de seu entorno. Trata-se da condição própria do “corpo” (e não tanto da *produção*) poético, com suas vozes permeadas por experiências singulares e atravessadas por dissonâncias.

É o que se percebe, por exemplo, no capítulo intitulado “A presença de Eneida Nelly na poesia crioula: escrita feminina nas ilhas de Cabo Verde”, de Claudia Letícia Gonçalves Moraes e Rayron Lennon Costa Sousa, em que se apresenta a gestação de uma poesia linguística e simbolicamente híbrida que afirma sua singularidade identitária. De semelhante modo, Edimilson Rodrigues, em seu artigo “Corpo e linguagem sensual na paisagem urbana: rebeldias do prazer e do sentir na literatura africana de expressão portuguesa”, retrata a associação entre corpo e cidade natal, entre poema e língua materna, mostrando-nos que a cidade – este “infinito confinado”, “labirinto onde nunca te perdes”, nas palavras de Kobo Abe – é, como o poema e o corpo, espaços de prazer e, por conseguinte, de humanização. O mesmo em parte se aplica ao artigo seguinte do autor, “A grafoterapia em José Craveirinha –ilhado no manto de sedução de Sacrário”, escrito em colaboração com José Nilton Rodrigues Frazao, no qual nos são esboçados os trânsitos poéticos e linguísticos de Craveirinha pela terra uterina e fecundada de Moçambique, evidenciando, nas palavras dos próprios autores, que “ser poeta é estar em constante processo de desacordo”. No belíssimo artigo “Sophia de Mello Andresen e a claridade na cidade”, a professora Fernanda Rodrigues Galve expõe como a poetisa portuguesa, vivenciando e testemunhando o obscurantismo próprio do regime salazarista em Portugal, fez com que a força poética – unificando história e literatura, tempo e eternidade – anunciasse a uma cidade, uma *pólis*, que a “luz é o tempo que é pensado”, como cantava Octavio Paz.

Nos artigos “Almudena Grandes: del libro a las pantallas”, de Heloísa Reis Curvelo, Dayanne Karen Ferreira da Silva e Thayze Araujo Alves, assim como em “Sinsombrero, Mua, Guerrilla Girls: la visibilidad femenina en el arte”, também de Heloísa Reis Curvelo,

⁴ Dentre os muitos exemplos possíveis, talvez o mais representativo seja o romance Mapas, de Nuruddin Farah, em que a mastectomia de uma personagem serve como uma grande metáfora tanto para as mutilações dos mapas territoriais de África durante o neoimperialismo quanto para o “corte” ou ruptura geracional das mulheres africanas nas guerras imperiais ou nos conflitos indiretamente gerados por interesses europeus na região da Somália, especificamente.

com Mariana Amorim Garcia e Cleria Lourdes Moreira Pereira, explora-se as riquezas e possibilidade de tradução intersemiótica, a qual expande para outros códigos e modalidades de discurso estético as representações, afetos e experiências femininas. Por fim, em “As representações da modernidade na Belle Époque carioca e parisiense de *Melle. Cinema*”, de Vanessa de Paula Hey, temos uma densa análise sobre uma obra – controversa, à época de seu lançamento – que, no veio do naturalismo e da crônica de reportagem, pinta-nos um retrato da vida metropolitana durante a *Belle Époque*, e, transitando entre Rio de Janeiro e Paris, esboça os conflitos entre os comportamentos modernos e as normas burguesas e tradicionais que a protagonista do romance ao mesmo tempo internalizava e confrontava. Trata-se, pois, de um estudo proveitoso da figura feminina numa época cultural repleta de contradições (por exemplo, emancipação/tradição, riqueza/desigualdade).

À vista disso, o leitor tem em mãos um panorama riquíssimo de problemáticas e discussões sobre tópicos que, embora muitas vezes presente nos debates acadêmicos, carecem de uma abordagem ao mesmo tempo ampla, diversificada e teoricamente rigorosa – uma abordagem que, para além das inúmeras qualidades da obra, certamente encontramos ao longo destas páginas.

Fabício Tavares de Moraes
UFMA – Centro São Bernardo